



À SOMBRA DAS MANGUEIRAS: andarilhagem das ideias freireanas e a formação docente no interior do Acre

Maria Aldecy Rodrigues de Lima¹

Cleidson de Jesus Rocha²

Jussara Oliveira de Souza³

RESUMO

Este artigo relata as vivências do Estágio Supervisionado III (Educação de Jovens e Adultos em processo de alfabetização), com acadêmicos do Parfor, curso de Pedagogia da Universidade Federal do Acre – Campus Floresta. A experiência se realizou embaixo de mangueiras, na comunidade Foz do Arara, às margens do rio Amônia, município de Marechal Thaumaturgo/AC. A tradicional sala de aula deu lugar à possibilidade de inovar práticas, resignificando o espaço de ensinagem com os futuros pedagogos. O método de realização da ação foi o etnográfico, com viés qualitativo. O campo da pesquisa emoldurou-se pelo verde da floresta e pelo movimento de idas e vindas dos barcos que deslizam sobre as águas barrentas do rio. O referencial de análise sustenta-se em Freire (2003; 2023) que considera o diálogo como um método dinâmico no processo de construção de conhecimento, encorajando os acadêmicos a exercitarem a curiosidade, refazendo-se, para construir possibilidades educativas nas comunidades isoladas do interior do Acre. A experiência viabilizou a produção de recursos didáticos que podem ser usados no cotidiano da prática docente desses(as) professores(as) nas comunidades ribeirinhas onde atuam. Além disso, houve a viabilidade de recriar e refazer a docência enquanto exercício constante de aprendizagem, problematizando a metodologia tradicional (dedutiva), ao tempo que se refletia sobre a metodologia dialética (indutiva) com base em Paulo Freire, testando habilidades, produzindo conhecimento, prezando pelas construções coletivas e o saber dos estudantes.

Palavras-chave: Paulo Freire. Diálogo. Ensino.

¹ Doutorado em Educação. Professora Associada na Universidade Federal do Acre, Cruzeiro do Sul, Acre, Brasil. Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação (GEPEd). Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-1187-7783>. E-mail: aldecyczs@gmail.com.

² Doutorado em Filosofia. Professor Associado na Universidade Federal do Acre, Cruzeiro do Sul, Acre, Brasil. Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-1245-0434>. E-mail: cleidson.ufac@gmail.com.

³ Mestrado em Educação. Professora na Universidade Federal do Acre, Cruzeiro do Sul, Acre, Brasil. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação (GEPEd). Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-2065-5579>. E-mail: jussara.souza@ufac.br.

UNDER THE MANGO TREES: the itinerancy of Freirean ideas and teacher training in the interior of Acre

ABSTRACT

This article reports on the experiences of Supervised Teaching Practice III (Education of Young People and Adults in the literacy process), with students from the Parfor program, Pedagogy course at the Federal University of Acre – Floresta Campus. The experience took place under mango trees, in the community of Foz do Arara, on the banks of the Amônia River, in Marechal Thaumaturgo, Acre. The traditional classroom gave way to the possibility of innovating practices, providing new meaning to the teaching space with future educators. The method used for the action was ethnographic, with a qualitative approach. The research field was framed by the green of the forest and the coming and going of boats gliding over the murky waters of the river. The analytical framework is based on Freire (2003; 2023), who considers dialogue a dynamic method in the process of knowledge construction, encouraging students to exercise curiosity, reconstructing themselves, to build educational possibilities in the isolated communities of the interior of Acre. This experience resulted in the production of didactic resources that can be used in the daily teaching practice of these teachers in the riverside communities where they work. Furthermore, it enabled the recreation and reconstruction of teaching as a constant learning exercise, problematizing the traditional (deductive) methodology, while reflecting on the dialectical (inductive) methodology based on Paulo Freire, testing skills, producing knowledge, valuing collective constructions and student knowledge.

Keywords: Paulo Freire. Dialogue. Teaching.

A LA SOMBRA DE LOS MANGOS: itinerancia de las ideas freireanas y la formación docente en el interior de Acre

RESUMEN

Este artículo relata las vivencias de la Práctica Docente III (Educación de Jóvenes y Adultos en proceso de alfabetización), con estudiantes del Parfor, curso de Pedagogía de la Universidad Federal de Acre – Campus Floresta. La experiencia se llevó a cabo bajo la sombra de los mangos, en la comunidad Foz do Arara, a orillas del río Amônia, en el municipio de Marechal Thaumaturgo/AC. El aula tradicional dio lugar a la posibilidad de innovar prácticas, resignificando el espacio de enseñanza con los futuros pedagogos. El método de realización de la acción fue el etnográfico, con enfoque cualitativo. El campo de la investigación se enmarcaba en el verde de la selva y en el movimiento de ir y venir de las embarcaciones que se deslizan sobre las aguas turbias del río. El marco teórico se basa en Freire (2003; 2023), quien considera el diálogo como un método dinámico en el proceso de construcción del conocimiento, animando a los estudiantes a ejercitar la curiosidad, reconstruyéndose a sí mismos, para construir posibilidades educativas en las comunidades aisladas del interior de Acre. La experiencia permitió la producción de recursos didácticos que pueden ser utilizados en la práctica docente cotidiana de estos profesores en las comunidades ribereñas donde trabajan. Además, se posibilitó la recreación y reconstrucción de la docencia como un ejercicio constante de aprendizaje, problematizando la metodología tradicional (deductiva), al tiempo que se

reflexionaba sobre la metodología dialéctica (inductiva) con base en Paulo Freire, probando habilidades, produciendo conocimiento, valorando las construcciones colectivas y el saber de los estudiantes.

Palabras clave: Paulo Freire. Diálogo. Enseñanza.

INTRODUÇÃO

Os estudos, reflexões e práticas vividos no exercício da docência nos levaram ao relato da experiência que discorremos neste texto, a partir do olhar freireano e da andarilhagem de suas ideias na formação de professores em região de difícil acesso, no interior do estado do Acre. A inexistência de salas de aulas comuns e/ou multifuncionais e de escolas que ofertassem a modalidade de alfabetização de jovens e adultos no município de Marechal Thaumaturgo-AC, no ano de 2022, nos pôs diante de desafios de construir estratégias didático-pedagógicas diversificadas.

Na perspectiva da educação problematizadora, somos, docentes e discentes, instigados a estudar, pensar e praticar estratégias metodológicas dialógicas amparadas pelos estudos e experiências desenvolvidas por Paulo Freire, a quem Moura (2004) classifica como “pedra angular” na educação de jovens e adultos. Problematizar o contexto, é conectar-se com a cultura escolar e não escolar de cada comunidade e/ou grupo social, elucidando questões tanto didáticas quanto metodológicas para viabilizar o fazer docente propositivo e construído na coletividade.

Fugindo a modelos de aulas tradicionais, com carteiras enfileiradas, alunos com cadernos e lápis na mão, livros didáticos para estudar e um(a) professor(a) que sabe, por isso ensina, esta experiência à sombra das mangueiras é o estudo e, ao mesmo tempo, uma releitura do método Paulo Freire, a qual foi desenvolvida no formato de aula simulada.

Na ótica freireana, é possível educar independentemente do local. A vivência na licenciatura deve possibilitar aos(às) jovens professores(as) alternativas viáveis, criativas e dialógicas frente aos desafios da vida cotidiana. Albuquerque (2021, p. 21-22), ao escrever sobre “o quintal, meu mundo de criança”, destaca que

Quando Paulo Freire sentava no chão à sombra de uma frondosa mangueira, a sua preferida, sentia o prazer de estar bem pertinho da natureza. Enquanto os irmãos corriam e se sujavam, observava tudo e ia descobrindo que podia ler e se comunicar no quintal, seu pequeno grande mundo. Usava gravetos para rabiscar palavras e desenhar na terra, era como se ela fosse um quadro. Poderia também ser um grande livro onde anotava as suas leituras de mundo, suas histórias. Com ares de pequeno detetive, algumas vezes passeava no grande quintal e observava atentamente as mangueiras, pitangueiras, jaqueiras, bananeiras e pés de fruta pão [...] Paulo Freire sentia cada cheiro procurando identificar a fruta.

Foi exatamente esse sentimento de contato, de estar perto, de sentir a realidade na sua beleza, sossegos e perigos que nos levou à comunidade Foz do Arara. No exercício docente, experimentamos daquilo que já deu certo nas andarilhagens de Paulo Freire, que começou na periferia do Recife, nos círculos de cultura popular, seguindo na experiência de Angicos-RN em 1963, alfabetizando trabalhadores e trabalhadoras daquela região. E, com o exílio, se estende mundo afora. Ou seja, é da vivência primeira com a natureza que se expande a realização do contato com as classes sociais onde elas estão, para dela, e, a partir dela, exercer a docência considerando os saberes populares e o senso comum como um saber válido. E que, portanto, pode e deve ser sistematizado em ações educativas no processo de aprendizagem da leitura e da escrita.

Articulamos, pois, teoria e prática, necessárias à formação de professores(as) que, estando longe dos centros urbanos, precisam exercitar a criatividade e lidar com o cotidiano para dele extrair conteúdos de ensino, ou seja, aquilo que na linguagem freireana seriam os “temas geradores”. Estes irão se articular com os conhecimentos escolares, ampliando, assim, o leque de possibilidades para conhecer e interagir com a cultura local e a metodologia dialógica que culmina no processo de alfabetização. As indagações de Freire (2023), feitas em meados do século passado, sobre como promover a transitividade ingênua à crítica, são articuladas nos seguintes termos:

Mas, como realizar esta educação? Como proporcionar ao homem meios de superar suas atitudes, mágicas ou ingênuas, diante de sua

realidade? Como ajudá-lo a criar, se analfabeto, sua montagem de sinais gráficos? Como ajudá-lo a inserir-se? (Freire, 2023, p. 140).

O próprio autor, no decorrer desse texto, sinaliza algumas trilhas que se abrem em possibilidades práticas, sintetizando que “a resposta nos parecia estar: a) num método ativo, dialogal, crítico e criticizador; b) na modificação do conteúdo programático da educação; c) no uso de técnicas como a da redução e da codificação” (Freire, 2023, p. 107). Nessa perspectiva, nossos estudantes/estagiários na EJA foram movidos por questões semelhantes a estas que inquietaram Paulo Freire em seu tempo. E o enfrentamento do desafio de estagiar onde não tinha alunos regularmente matriculados nas escolas nos colocou frente à condição de eterno aprendiz – lendo Freire para, então, preparar as aulas e realizar a regência. Nesse sentido, participando do processo de busca de alternativas exequíveis do estágio, compreende-se que, no diálogo, “nasce uma matriz crítica e gera criticidade. Nutre-se do amor, da humanidade, da esperança, da fé, da confiança” (Freire, 2023, p. 141). Foi nessa matriz teórica que se deu a iniciativa de novas aprendizagens para a docência, pois o Estágio saiu do lugar comum.

Diante das adversidades e do processo de refazer-se na docência durante a travessia da pandemia da covid-19, o grupo pôde refletir sobre questões educacionais e metodológicas para o cumprimento dos créditos de estágio durante a formação em nível superior. E, além disso, fazer essa ponte do diálogo com a realidade, para dela extrair conteúdos a serem trabalhados em processos sistemáticos de alfabetização, no decorrer da atividade profissional na profissão docente, seja nos espaços urbanos ou rurais, terrestres ou ribeirinhos.

A experiência em tela nos permitiu ler, discutir e vivenciar o pensamento freireano com os estudantes do curso de Pedagogia do Parfor no interior do Estado do Acre, assumindo um pilar educativo que dialoga com os espaços de vivência rio acima, comunidade adentro. Entendendo, assim, a inclusão de nova ferramentas, fazendo pesquisa sobre o fazer docente, estudando um contexto específico, integrando técnicas profissionais, alunos e movimentos sociais como forma de desenvolver o processo educativo entre jovens e

adultos que ainda não sabem ler a palavra, e leem o mundo no qual estão inseridos sem as lentes da criticidade. Foi uma prática suavizada porque o contexto era conhecido, porém, com o rigor que a demanda exige, sobretudo porque consideramos que a prática pedagógica não se dá no espontaneísmo, mas orientada por uma teoria, seja ela consciente ou ainda em processo de conscientização por parte dos professores.

CONTEXTO DA EXPERIÊNCIA FORMATIVA

Esta experiência se desenvolveu durante a realização do Estágio Supervisionado III no Parfor/Pedagogia/Ufac no município de Marechal Thaumaturgo, interior do Acre, em julho de 2022. Trata-se de um componente curricular do 7º período do curso, a ser desenvolvido em turma de alfabetização de jovens e adultos. A disciplina é ofertada na sequência do Estágio Supervisionado I, relativo à Educação Infantil e Estágio Supervisionado II, no Ensino Fundamental I.

Em pleno verão acreano, os rios secos formam praias ao longo do Rio Juruá. O voo que saiu de Cruzeiro do Sul-AC até Marechal Thaumaturgo nos permitiu uma visão da floresta vista do alto e do rio que vai serpenteando por dentro da floresta, com as águas barrentas. Nesse sobrevoo se avista parte da beleza amazônica. Às vezes, fotografamos, e em outros momentos, tomados pelo medo de voar, apenas se ouve o barulho do avião que segue seu curso para pousar numa pista estreita que rasga a floresta à beira do rio.

A chegada em Marechal Thaumaturgo-AC é diferente para quem não vivencia essa parte da Amazônia no seu cotidiano, pois no período de chuvas mostra-se alagadiça e no verão revela as praias dos rios, por vezes quase apartados, com pouca água. É esse o caminho de acesso a este lugar, sem estradas e tendo o rio como meio de acesso aos diferentes lugares. Ao desembarcar daquele “flandê voador” que leva apenas 6 passageiros, segue-se por um trapiche, numa caminhada de mais ou menos 15 minutos até chegar ao rio Amônia e atravessar de barco para, enfim, subir os muitos degraus que dão acesso à parte alta e urbana de Marechal Thaumaturgo. A cidade é conhecida por trepar-se em barrancos e ladeiras. Nessa travessia,

pode-se apreciar as belezas do Amônia, sua calmaria quando seco, mas, também, sua braveza quando está alagado, despejando suas águas no rio Juruá, bem no centro da cidade.

O acolhimento é a marca fundante daquela gente. Primeiro, por ser uma cidade pequena, quase todos os moradores se conhecem. Portanto, ao desembarcar alguém que não faz parte da comunidade, desperta estranhamento e curiosidade para se saber de quem se trata e o que se faz por lá. Segundo, por sermos docentes da universidade, os estudantes em geral já nos acolhem no aeródromo (ou pista de pouso) e nos ajudam, com seus braços fortes e simpatia de sempre, no transporte das malas e caixas de texto que levamos conosco.

PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS

Nosso trabalho foi vivido entremeado pelo processo de ensinar e aprender durante as 135 horas/aula do Estágio Supervisionado III, que tem a seguinte ementa:

Desenvolvimento de atividades de docência individual e/ou compartilhada, em salas de aulas comuns e/ou salas de recursos multifuncionais, articulando os conhecimentos teóricos metodológicos (observação, participação, intervenção, planejamento, avaliação, organização de situações de ensino e aprendizagem, organização e produção de material didático) em escolas que ofertem modalidades e programas de alfabetização de jovens e adultos; reflexão e análise pertinentes ao contexto de atuação do estágio supervisionado, com produção escrita – relatório, diário, relato de experiência (Ufac, 2019, p. 86).

Atendendo às prerrogativas da ementa e frente à realidade local onde não havia turmas de EJA/alfabetização para o desenvolvimento deste Estágio, as atividades foram reprogramadas para serem desenvolvidas em grupos e subgrupos, seguindo o formato de aula simulada, para que todos (em média 30 acadêmicos), tivessem a oportunidade de cumprir esses créditos para, enfim, colar grau. Cinco grupos se formaram: Praça, Praia, Sala de aula, Comunidade e Roda de conversa. Contudo, o relato em tela é referente à experiência ocorrida junto à comunidade ribeirinha Foz do Arara (grupo Comunidade, composto por seis integrantes divididos em três

subgrupos). A comunidade em questão fica às margens do Rio Juruá, algumas voltas⁴ acima da sede do município. Vivemos inicialmente o medo de ousar. Inquietações do tipo: onde encontrar material e/ou textos que ajudassem no planejamento da aula? Trabalhar com as questões da realidade local despertaria o interesse dos alunos? Como construir o ambiente alfabetizador embaixo das mangueiras? E o barulho dos motores que sobem e descem o Juruá não iria atrapalhar a concentração e o debate? Será que vai dar certo? Quem serão os alunos? Que conteúdo abordar no processo de alfabetização de jovens e adultos? Onde encontrar livros, textos, referências? Que materiais didáticos poderiam ser produzidos? Como é possível trabalhar com a realidade? Como fazer? Como preparar as aulas? Quais os conteúdos?

E neste ínterim, imergimos nas andarilhagens do patrono da educação brasileira – Paulo Freire⁵, refletindo sobre vários pontos do fazer educativo, dentre eles a importância de novas iniciativas que pudessem servir de referência para o fazer docente construído na relação teoria-prática, ação-reflexão, trabalhando o cotidiano e o vivido. Assim, foram redefinidos os objetivos que constam no replanejamento das atividades. Objetivo geral:

Proporcionar aos acadêmicos do curso de Pedagogia/Parfor estudo de textos, análise de propostas educativas e o desenvolvimento de atividades de observação, planejamento e docência compartilhada na modalidade EJA – Educação de Jovens e Adultos – 1º segmento e/ou Programas de alfabetização em escolas estaduais e/ou municipais da área urbana e/ou periférica e municípios vizinhos, oportunizando ao licenciando uma reflexão por meio de socialização e produção escrita da prática pedagógica vivenciada nessa modalidade de ensino. (Ufac, 2022).

Os conteúdos curriculares seguiram, inicialmente, a estrutura decorrente do desdobramento da ementa da disciplina conforme consta no Projeto Pedagógico Curricular do curso em sua versão de 2019. A flexibilização do planejamento nos permitiu fazer ajustes no planejamento inicial, de modo que

⁴ As voltas dos rios são uma característica geomorfológica encontrada em rios e cursos d'água, especialmente em regiões de planície ou várzea. Uma "volta" é uma curva ou meandro do rio que se forma quando o curso d'água muda de direção, criando uma espécie de "curva" ou "volta" do leito do rio.

⁵ "Lei nº 12.612 de 13 de abril de 2012, Ato da Presidenta Dilma Rousseff, que concedeu o título de Patrono da Educação Brasileira a Paulo Freire" (Santiago; Batista Neto, 2023, p. 17).

atendesse à realidade daquele grupo de licenciandos sob nossa responsabilidade, considerando a inexistência de turmas nesta modalidade de ensino no município, à época.

O Estágio ocorreu no período de 14 a 30/07/2022 com as orientações gerais, planejamento, regência, socialização das atividades e produção de relatório reflexivo. Conforme já mencionado, no período do replanejamento, a turma foi dividida em grupos: 1) Grupo praça, abordando os conteúdos: produção da variedade de feijão; festival do feijão; alimento e comercialização; 2) Grupo comunidade, com os conteúdos sobre as profissões; a vida do trabalhador e profissões na comunidade; 3) Grupo sala de aula, que abordou o conteúdo: a produção agrícola – plantio da banana; cultivo do milho; 4) Grupo praia, com o conteúdo: pescaria (piracema do mandim); curimatã; 5) Grupo roda de conversa, com o conteúdo sobre os 30 anos do curso de Pedagogia da Ufac no Vale do Juruá.

Frente às diferentes realidades, registram-se aprendizagens constantes, produzidas tanto pelos acadêmicos quanto pelos professores no percurso das 135 horas/aulas. Foram experiências carregadas de compromissos do fazer didático, de nervosismos e expectativas – sentimentos que afloraram nesse coletivo. Contudo, as visitas aos diferentes espaços foram esperançosas e até curiosas. Desse movimento resultou a sistematização de uma aula/educação que busca, na realidade local, os conteúdos de ensino que, de forma sistemática, conduzem o processo de alfabetização.

Os espaços de fala de cada um(a) daqueles(as) acadêmicos(as) deram lugar primeiro às inquietações, e depois à construção dos planos de aula e produção de recursos didáticos que têm no cotidiano a sua origem. As perguntas se associaram ao ato de autoconhecimento, gerando assim a formação da consciência do que é ser professor(a) em comunidades ribeirinhas. Os espaços locais se tornam espaços para serem lidos, analisados, valorizados enquanto uma cultura diferente, não menos importante, inferior ou superior a espaços urbanos. Apenas são saberes e oportunidades de atuação e aprendizagens plurais.

Vivemos uma reinvenção docente, fugindo a modelos tradicionais de regência, pois os(as) acadêmicos(as) viveram possibilidades de regências fora de "salas de aulas comuns" em diferentes espaços na cidade e no campo. Nesse movimento, entendemos o que significa ensinar para além da sala de aula, tendo o livro didático como único recurso. Da realidade encontrada, construímos a viabilidade dessa experiência, à sombra das mangueiras, pautando-nos com e sobre as influências teóricas e metodológicas de Paulo Freire para a nova geração de professores(as), fundamentalmente para aquele grupo que reside em um município de difícil acesso no interior do Acre.

As orientações seguiram pautadas por estudos da realidade e do patrono da educação brasileira, no intuito de compreender o processo de educação/alfabetização de jovens e adultos. Após o primeiro encontro, constatada a inexistência de turmas na modalidade EJA, os acadêmicos foram fazer visitas à comunidade em busca de estudantes jovens e adultos analfabetos. Este público, descobriremos, distribui-se no espaço urbano, principalmente na periferia da cidade. O conhecimento empírico dos acadêmicos foi chave importante para o mapeamento do público-alvo da nossa ação formativa. A princípio, a proposta não foi bem-vista, pois esses jovens e adultos sentiram-se acuados com a proposta de formar turmas por apenas duas semanas para que os estudantes pudessem estagiar. Várias foram as alegações para tal negativa, como: medo da pandemia da covid-19 que ainda estava em evidência; indisposição para sair de casa dizendo que "papagaio velho não aprende a falar". Indagaram, também, sobre quanto iriam ganhar; quantas horas e quantos dias teriam que ir à escola. Dentre vários adjetivos pejorativos historicamente associados a este grupo populacional que teve o acesso à educação negado em seu tempo cronológico de frequentar a escola na "idade certa", falou-se de rudeza, preguiça, descrença etc. A negativa inicial foi vencida pela ideia da oportunidade de experienciar, na prática, a leitura de Paulo Freire em sua atualidade revisitada, para desenvolver um processo de ensino na modalidade que dialoga constantemente com a realidade local, com a história, com o direito à fala. Por consequência, o contato com os

conhecimentos sistemáticos potencializa a aprendizagem das letras que juntas formam palavras.

Na sequência, de posse da disponibilidade do grupo no enfrentamento do desafio de fazer a regência na comunidade Foz do Arara, as orientações e a relação professores(as) e estudantes foi se estreitando, e os diálogos começam a sinalizar oportunidade de explorar as frestas abertas para ressignificar o lugar e o sentido da escola e do conhecimento. E assim, foi-se pensando, estudando, revisitando, construindo possibilidades para a realização do Estágio no formato de aula simulada. Foram dias de intensos trabalhos, estudos e planejamentos sobre aquela comunidade revisitada pelo grupo e, por fim, ocorre a regência.

Inicialmente as dificuldades residiam no campo da seleção dos conteúdos, até os alunos entenderem que não os encontrariam em livros didáticos, pois estes, em geral, não dialogam com as diversas realidades nas quais estão inseridos os estudantes, independentemente da modalidade, sobretudo da realidade rural e ribeirinha do interior do Acre. Frente a tais discussões chegou-se ao consenso de trabalhar com e sobre as profissões e, de modo mais amplo, buscou-se um texto que retratasse sua importância, para enfim chegar às profissões existentes naquela comunidade em específico. A metodologia usada seguiu, então, as orientações gerais, planejamento (rodas de conversa), seleção dos conteúdos, produção de material didático, pertinência do contexto para a regência ao ar livre à sombra das mangueiras, produção de relatórios, socialização das experiências no/com o grande grupo.

O grupo da comunidade Foz do Arara explorou o tema que versa sobre “as profissões brasileiras”. O objetivo desta primeira aula foi elaborado pelos acadêmicos com a redação: “proporcionar aos alunos a compreensão da diversidade das profissões, sua importância, ferramentas e valorizações”. Era 23 de julho de 2022, um belo sábado de sol quente, e logo cedo, da beira do rio, se avistava a baleeira⁶ conduzida por um dos acadêmicos, habilitado

⁶ Uma baleeira é um tipo de embarcação tradicional utilizada para a pesca da baleia, principalmente em regiões litorâneas. No entanto, o termo “baleeira”, no contexto da região

para tal atividade, que levava o grupo de estudantes do curso e os docentes até a comunidade, que nos aguardava para o início dos trabalhos (regência do estágio) naquele dia. Navegamos Juruá acima até a Foz do Arara. Subimos o barranco, e já estávamos à sombra das mangueiras rodeadas de letras, palavras, textos, jogos, cartazes, objetos concretos que representavam as profissões.

Exercitando a curiosidade inerente ao ser humano, ansiosos estavam os acadêmicos para pôr em prática todo aquele planejamento. Enfim, muitos recursos didáticos e toda aquela gente que nos aguardava. O tema central para o desenvolvimento da proposta pedagógica foi “profissão”. Ao longo da apresentação dos procedimentos didáticos, faremos o detalhamento das atividades de aula na comunidade do subgrupo formado por 3 duplas.

A primeira dupla iniciou a aula com o acolhimento afetivo, e como forma de descontração antes do trabalho formal, ouvimos e cantamos a música chamada “O vaqueiro solitário”. Na sequência, foram estabelecendo uma conversa sobre a importância das profissões nas nossas vidas e quais profissões existiam ali naquela comunidade. Depois a dupla explorou o texto Profissões, de Regina Villaça (2021).

Havia vários objetos em relação às profissões destacadas nos textos, como: computador, livros, maleta de médico, materiais que se poderia manusear e falar sobre cada um deles. Depois dos debates sobre este tema, da leitura do texto, manuseio de objetos, retomaram a palavra MÉDICO, discutindo a importância desta profissão para as pessoas, do cuidado e do zelo para com a vida. Na sequência, a apresentação da escrita da palavra no quadro de giz e distribuição de fichas, estudando sua família silábica e exercitando a formação de novas palavras, construção oral e escrita de frases.

Norte do Brasil, passou a significar um tipo de embarcação que transporta tripulação ou grupo de pessoas que navegam pelos rios em seus deslocamentos ordinários.

A escolha da palavra-chave se alia às construções teóricas e práticas de Freire (2023, p. 149-150), ao apresentar as fases de elaboração e de execução prática do método⁷:

1. Levantamento do universo vocabular dos grupos com quem se trabalhará.
2. A segunda fase é constituída pela escolha das palavras, selecionadas do universo vocabular pesquisado.
Seleção a ser feita sob critérios:
 - a) da riqueza fonêmica;
 - b) das dificuldades fonéticas [...];
 - c) de teor pragmático da palavra, que implica numa maior pluralidade de engajamento da palavra numa dada realidade social, cultural, política.
3. A terceira fase consiste na criação de situações existenciais típicas do grupo com quem se vai trabalhar.
4. A quarta fase consiste na elaboração de fichas roteiro, que auxiliem os coordenadores de debate no seu trabalho. Estas fichas-roteiro devem ser meros subsídios para os coordenadores, jamais uma prescrição rígida a que devam obedecer e seguir.
5. A quinta fase é a feitura de fichas com a decomposição das famílias fonêmicas correspondentes aos vocábulos geradores.

Desenvolvendo essa corrente de pensamento na prática, o grupo deu sequência à apresentação das atividades de construção de aulas, ou seja, as regências, no movimento de aula simulada. Da realidade daquela comunidade foi-se construindo os conteúdos da aula. Desta feita, as acadêmicas, em dupla, desenvolvem o conteúdo sobre as profissões regionais, marcadamente aquelas conhecidas e vivenciadas por eles no cotidiano. Depois do acolhimento, as acadêmicas trouxeram o poema “A vida do trabalhador”, escrito pela componente da dupla, Marlivia Vale (2022), durante o planejamento da regência.

A VIDA DO TRABALHADOR

A vida do trabalhador não é fácil não,
Trabalha o dia todo
O dinheiro não dá para comprar o pão
A mulher reclama que falta: comida e sabão.

Tem médico, enfermeiro, gari e o professor
O professor é quem menos ganha
É ele o transformador,
Forma todas as profissões com lutas, garra e fervor.

⁷ Nesta obra Paulo Freire especifica as fases do método e, no Apêndice, apresenta as “situações existenciais” com “dezessete palavras geradoras que constituíram os Círculos de Cultura do Estado do Rio de Janeiro e da Guanabara” (Freire, 2023, p. 161).

Ele faz buscas e pesquisas
Para seu trabalho realizar.
Rabisca com a **caneta**, para seu plano criar
Alfabetizando jovens e adultos,
Para na sociedade letrada atuar.

Dentre as atividades vividas pelo trabalhador descritas no texto, chama-se atenção para um dos instrumentos usados pelo(a) professor(a) para o desenvolvimento de sua atividade profissional que, no caso, é a CANETA. Seguindo os princípios freirianos para a construção do processo de alfabetização, se extraiu o conteúdo, o que Freire chama de “tema gerador”, para trabalhar o processo didático e dialógico de ensinar e aprender formalmente sobre a escrita das palavras. Desse modo, a palavra-chave que atende a riqueza fonética é dividida em sílabas e estudadas todas as famílias silábicas que a compõem para posterior formação de novas palavras e frases. Nessa teia, vão sendo tecidos fios dialógicos para a construção de novos saberes. Professores(as) e alunos(as) se conectam em busca das trocas, daquilo que uns sabem e outros não, na busca do “saber mais”, construído em parceria. No diálogo que Paulo Freire faz com Antonio Faundez no livro “Por uma pedagogia da pergunta” (Freire; Faundez, 1985, p. 28), tem um fala em que Paulo diz: “[...] Sem essa aventura, não é possível criar. Toda prática educativa que se funda no estandardizado, no preestabelecido, na rotina em que todas as coisas estão pré-ditas, é burocratizante e, por isso mesmo, antidemocrática”.

Entendemos que a releitura freireana nos possibilitou o encontro fora da sala de aula convencional num processo de construção de aulas mais significativas e conectadas com a realidade local. Assim, os estudantes e os professores em formação passaram a entender, na prática, como se trabalhar com a realidade, imbuídos da reflexão sobre modelos cristalizados de ensinar e a possibilidade de criar alternativas viáveis a partir de lentes teóricas e metodológicas.

É pensando sobre o fazer didático-pedagógico na prática que se pode enfrentar os impasses e os desafios impostos pela realidade. Por isso mesmo, consideramos a categoria problematização fundamental quando se pensa

Paulo Freire e a educação. O desenvolvimento da proposta de aula simulada para aquele grupo serviu como atestado da validade da criação comprometida com o diálogo franco, enriquecido pela estreita vinculação entre teoria e prática, como ensinou Paulo Freire. Além dos diálogos, foram sistematizadas atividades como jogo de exercício constante da fala, da escuta e da escrita. Foram aulas interativas e participativas, dinâmicas e em sintonia com as profissões que perfazem o tema central.

Por fim, a última dupla desenvolveu a aula começando por uma dinâmica chamada "teia da amizade", onde cada participante que ali estava, formando o círculo, pôde se apresentar, falar de si e de sua profissão, considerando que a proposta de conteúdo versava sobre "As profissões da comunidade Foz do Arara". O texto "Minha comunidade" foi escrito pela acadêmica Jucicleia Bezerra (2022), durante o planejamento, para ser explorado na regência de sua dupla, assinalando as profissões vividas naquela comunidade em específico. Vejamos os versos:

MINHA COMUNIDADE

Na minha comunidade,
Tem diversas profissões,
Tem o serrador, o ACS,
E também o pescador.

Tem o carpinteiro, o AOSD,
E também o agricultor,
Tem o recreísta, o estudante,
E também o professor.

Tem o vaqueiro, o barqueiro,
E também o vendedor,
Tem a costureira, o carpinteiro,
E também o comprador.

E ainda tem aquela,
Que é menos valorizada,
Ela lava, passa e cozinha,
Essa é a dona da casa,
E ainda para ajudar na roça,
Ela acorda de madrugada.

Todas essas profissões são importantes
Para minha comunidade,
Pois dependemos uns dos outros
Para viver em sociedade.

E assim o tempo vai passando,
E com ele vem as dificuldades,
Mas não podemos desanimar,
Pois temos direito à igualdade.

Com cartazes pendurados nas árvores, a dupla explorou o texto de autoria da acadêmica Jucicleia Bezerra, mostrando que o que se vive em termos de profissão na comunidade está grafado no papel em forma de poesia. Segue-se um diálogo sobre quem exerce cada uma das profissões ali expressas, assim como também foi possível manusear alguns dos instrumentos utilizados pelos profissionais no desenvolvimento de seus trabalhos.

Após o registro das falas iniciais sobre a temática, seguiu-se a sistematização do que seria o processo de alfabetização. Para esta aula em específico, a palavra COMUNIDADE ganha destaque pela riqueza fonética que apresenta. Passa-se, em seguida, ao estudo de sua decomposição.

Nesse processo de imersão na cultura, junto ao ambiente familiar embaixo das mangueiras do quintal de casa, juntaram-se crianças que acompanhavam seus pais, os estudantes da turma, os professores e outras pessoas da comunidade, todos embalados num processo educativo sonorizado pelo barulho dos motores no rio, pelo cantar dos pássaros e pelo contato verbal das pessoas, produzindo uma mistura de sons e vida, prática pedagógica e ensinamentos livres, da prosaica vida comum. Essa experiência, contudo, se fez inovadora, fundamentalmente porque dialogou com o real e o cotidiano da comunidade. Abriam-se, assim, brechas de possibilidades para inovações didáticas a esses jovens professores(as) que passaram a entender que o diálogo e as experiências vividas são temas de aula de uma educação que promove conhecimento escolar partindo do local para o global. Compreende-se, assim, que a aprendizagem se dá materializada com a própria vida.

AVALIAÇÃO DO PROCESSO E DOS RESULTADOS DE APRENDIZAGEM

A avaliação é um dos elementos que compõem o planejamento educacional (Luckesi, 2013). Nesse sentido, serve para direcionar o processo de ensino e aprendizagem e atender aos protocolos institucionais de

aprovação e reprovação. Assim, registra-se, desde o plano de curso, que, “os acadêmicos serão avaliados em todos os momentos do desenvolvimento da disciplina, em especial durante as atividades de observação, planejamento, regência compartilhada e socialização/reflexão, culminando com a produção, revisão e avaliação do Relatório Final ou Relato de Experiências ou Diário de Campo”. (Ufac, 2022).

Desse indicativo e das orientações institucionais tem-se a ficha de avaliação de estágio. Esta serve para avaliar o desenvolvimento dos acadêmicos em todos os Estágios Supervisionados da instituição nos cursos de licenciatura, cujos elementos para a avaliação partem dos seguintes elementos: planejamento - somando 2 pontos; desenvolvimento da aula (atividade inicial e atividade de desenvolvimento) - somando 6 pontos; conclusão da aula - somando 2 pontos. Esses elementos somam juntos 10 pontos. Em todos esses itens avaliam-se as competências da prática pedagógica.

A experiência em tela, decorrente das atividades do Estágio Supervisionado III, vai desde o primeiro contato com a turma, em que se articularam conhecimentos teóricos e metodológicos do fazer docente, até a regência em sala de aula e, por fim, os relatórios de estágio. Segue-se, então, a necessidade da avaliação, das leituras e debates, do envolvimento com as atividades de pesquisa que se materializaram na prática. Os acadêmicos puderam vivenciar o Estágio no formato de um projeto curricular diferenciado, priorizando a educação científica e sua relação com o cotidiano, de modo a ampliar sua compreensão do processo educativo no contato com a comunidade, sem perder o rigor que esse componente curricular demanda.

A abordagem dialógica freireana, encontra, no cotidiano, a linguagem falada pelo povo daquele contexto e a partir dessa realidade material, estabelece os conteúdos de ensino. Esta perspectiva perpassou toda a condução do Estágio, desde os primeiros dias até a entrega do relatório, pois nós, docentes, estávamos sempre à disposição para as trocas de ideias com os estudantes, fosse no processo de seleção dos conteúdos, produção dos planos de aulas e de materiais didáticos, como também na elaboração e

feitura do relatório final, predispostos, portanto, a produzir trocas simbólicas por meio do diálogo e da prática social. Foram momentos de aproximação afetiva vivida na profissão professor, em que planejamos, orientamos, replanejamos, levantamos hipóteses, duvidamos, enfrentamos os medos e os desafios, criamos possibilidades de execução do Estágio, escrevemos sobre o vivido, teorizamos sobre a prática, aprendemos juntos. Corroborando ao pensamento de Braga e Guedes (2023, p. 185), quando observam que “Docentes e discentes, dialogam, problematizam e constroem o conhecimento”.

O processo de busca de estratégias começa pela investigação sobre a realidade, perpassa a problematização para se alcançar o conhecimento sistemático que tem no senso comum seu ponto de partida. Ressalta-se que as aulas simuladas foram todas muito bem avaliadas, assim como, também, os relatórios onde os(as) acadêmicos(as) registraram ter aprendido na prática o que significa trabalhar com a realidade dos educandos. Isso indica que, embora o Estágio tenha se materializado em aula simulada, sinaliza uma experiência pedagógica significativa para a formação desses professores(as) que atuam no interior do Acre em comunidades ribeirinhas de difícil acesso. Nesse sentido, podem ressignificar a prática, investigando a realidade, problematizando-a.

Os(as) jovens professores(as) aprenderam uma metodologia que pode se multiplicar no cotidiano de seu fazer docente, atendendo aos elementos que Freire (2023, p. 7-8) sinaliza na obra *pedagogia da autonomia*. Registrando que,

na prática docente: primeiras reflexões, ensinar exige rigorosidade metódica; ensinar exige pesquisa; ensinar exige respeito aos saberes dos educandos; ensinar exige criticidade; ensinar exige ética e estética; ensinar exige a corporificação das palavras pelo exemplo; ensinar exige riscos, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação; ensinar exige reflexão crítica sobre a prática; ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural

Vivenciamos o cuidado com cada detalhe no processo de planejamento e execução da regência. Um olhar atento de cada um nessa imersão cultural, científica e metodológica de alfabetização contextualizada,

observando quão belo e potente é trabalhar com a realidade cotidiana que traz um aprendizado incomensurável aos(às) novos(as) professores(as).

Vimos florescer uma nova perspectiva didático-pedagógica tendo-nos como incentivadores desse processo que dialoga com Paulo Freire e faz chegar suas ideias pelo interior do Acre. Entendemos que ser professor(a) não é uma missão, mas uma profissão que deve ser valorizada socialmente por formar as demais, pelos movimentos inquietos e curiosos diante dos desafios interpostos pelo contexto.

O calor e o respeito humano se fizeram referência no diálogo como método de ensino, vivenciando de perto os diferentes conhecimentos: uns sobre ciência, e outros sobre o fazer cotidiano. Freire (2003, p. 48) faz um jogo de perguntas e respostas entre ele e trabalhadores da zona da mata de Pernambuco, mostrando que “ensinar e aprender são momentos de conhecer e re-conhecer”. E segue:

Primeira pergunta:

- O que significa a maiêutica?

Gargalhada geral e eu registrei o meu primeiro gol.

- Agora cabe a vocês fazer a pergunta a mim – disse.

Houve uns cochilos e uns deles lançou a questão:

- O que é curva de nível?

Não soube responder. Registre um a um.

- Qual a importância de Hegel no pensamento de Marx?

Dois a um.

Para que serve a calagem de solo?

Dois a dois

- Que é um verbo intransitivo?

Três a dois.

Que relação há entre curva de nível e erosão?

Três a três.

- Que significa epistemologia?

Quatro a três.

- O que é adubação verde?

Quatro a quatro.

Assim, sucessivamente, até chegar a dez a dez. [...] (Freire, 2003, p. 48).

Em *Pedagogia da Esperança*, Freire (2003) sinaliza de forma clara que não há conhecimento inferior ou superior entre os sujeitos da ação dialógica, mas há, sobretudo, conhecimentos diferentes. Uns sabem coisas do seu trabalho, do dia a dia, enquanto o educador sabe coisas da ciência, do conhecimento escolar. Enquanto o aluno Pedro tem habilidades de conduzir

com maestria a baleeira rio acima, rio abaixo, os professores universitários têm leitura sobre Paulo Freire e outras fundamentações teóricas. E assim, em diálogo e em processo sistemático de ensinar e aprender, fomos ampliando os conhecimentos entremeados pelo senso comum e a ciência, e pela diversidade de saberes do grupo e das leituras ali pautadas para o estudo.

Essa estratégia dialógica freiriana nos permitiu a compreensão da necessidade de refazer-se professores(as) no chão da escola e para além da sala de aula, percebendo que é no ato educativo problematizador que se reconhecem as injustiças sociais, os sofrimentos, as intervenções, as profissões, os saberes, o plantio, a colheita, a venda. Além disso, pode-se enxergar melhor o mundo pela lente decifrada das letras, das palavras e da leitura de textos, podendo intervir na realidade para atender às necessidades da coletividade.

Assim, as leituras de Paulo Freire nos possibilitaram uma releitura de suas experiências mundo afora, para compreender nosso próprio contexto vivencial e nossa atuação profissional, extrapolando, pois, as aulas expositivas onde só o professor sabe e fala e o aluno ouve e supostamente aprende. Observa-se que as questões sociais, políticas, econômicas, culturais são conteúdo a serem explorados/dialogados no processo de ensinar na escola para aclarar a realidade daquele contexto vivencial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As leituras de Paulo Freire nos permitiram resignificar a prática educativa, no cumprimento do componente curricular do curso de Pedagogia – Estágio Supervisionado III, junto aos licenciandos. Foram muitos desafios enfrentados, dentre eles o (re)planejamento, a formação dos grupos, o mapeamento dos espaços, a pesquisa local sobre o conteúdo a ser trabalhado, a preparação das aulas. No entanto, nesta caminhada educativa, pudemos resignificar a prática docente e criar estratégias de ação voltadas para o cotidiano e a realidade dos educandos.

Resignificar a práxis amparando-nos na perspectiva freireana foi o caminho mais viável, pois nos ajudou a melhor enxergar a realidade

geográfica, social e profissional em comunidades ribeirinhas, no interior do Acre.

O processo de autoavaliação do trabalho docente nos permitiu uma construção dialógica que perpassa uma teia discursiva com os coletivos no enfrentamento dos medos. Primeiro, por sair da “zona de conforto” com práticas embasadas em modelos tradicionais de ensinar. Segundo, porque trabalhar com o cotidiano sinaliza ousadia no fazer docente. Nesse sentido, é possível dizer que vivemos: acolhimento e cuidado uns com os outros; colaboração entre os pares; simplicidade no ato educativo respeitando a ética e a boniteza do processo de ensinar e aprender sentida no processo vivencial.

Vimos a dedicação dos(as) licenciandos(as) no processo de busca, organização, preparação e produção de materiais. Cuidado e zelo com o estudo do ambiente, receptividade e acolhimento aos coletivos, distribuição de tarefas e cuidado em todos os aspectos vividos nas 135h deste Estágio Supervisionado.

Percebemos que a leitura de Paulo Freire é cada vez mais necessária nos cursos de formação de professores(as), não para ter uma cópia fiel de seus métodos, mas refazendo-o em cada leitura, pode-se exercer a curiosidade e construir sonhos possíveis ampliando os conhecimentos dos educandos com a leitura de seu próprio mundo e de si. A leitura de Paulo Freire é um convite para repensar práticas espontaneístas e ensinamentos enciclopédicos. Viabilizando assim, o ensino dialógico, a reflexão crítica e a formação de pessoas atuantes no contexto social.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, T. S. **Os pés no quintal e os olhos no mundo**: um menino chamado Paulo Freire. Recife: Cepe Editora, 2021.

BEZERRA, J. **Minha comunidade**. Marechal Thaumaturgo, AC, 2022. Poesia não publicada.

BRAGA, M. M. S. C.; GUEDES, M. G. M. A materialidade do pensamento de Paulo Freire no chão da escola: uma prática pedagógica docente-discente

dialógica e humanizada. *In*: SILVA, C. M. da; GONTIJO, D. T.; GUEDES, M. G. (org.). **Nas trilhas da esperança**: a presença de Paulo Freire na produção acadêmica da UFPE. Recife: Ed. UFPE, 2023.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 55. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, P.; FAUNDEZ, A. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

MOURA, T. M. M. **A prática pedagógica dos alfabetizadores de jovens e adultos**: contribuições de Freire, Ferreiro e Vygotsky. 3. ed. Maceió: EDUFAL, 2004.

SANTIAGO, M. E.; BATISTA NETO, J. Prefácio: andariando nas trilhas da esperança: palavras à guisa de prefácio. *In*: SILVA, C. M. da; GONTIJO, D. T.; GUEDES, M. G. (org.). **Nas trilhas da esperança**: a presença de Paulo Freire na produção acadêmica da UFPE. Recife: Ed. UFPE, 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE – UFAC. **Projeto Pedagógico Curricular**: curso de pedagogia. Cruzeiro do Sul-AC, 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE – UFAC. **Plano de curso**: estágio supervisionado III, curso de Pedagogia/Parfor. Professoras: Maria Aldecy Rodrigues de Lima; Jussara Oliveira de Souza. Marechal Thaumaturgo-AC, 2022.

VALE, M. **A vida do trabalhador**. Marechal Thaumaturgo, AC, 2022. Poema não publicado.

VILLAÇA, R. Profissões. *In*: ITAPERUNA (Município). Secretaria Municipal de Educação. Gestão Pedagógica Semed. **Educação infantil**: 2º período. VI almanação na educação infantil. Itaperuna: Semed, 2021. Disponível em: <https://www.semedita.com.br/wp-content/uploads/2021/04/M%C3%93DULO-IMPRESSO-MAIO-ED.-INFANTIL-2%C2%BA-PER%C3%8DODO.pdf>. Acesso em: 15 maio. 2024.

Recebido em: 19 de julho de 2024.

Aprovado em: 14 de novembro de 2024.

Publicado em: 08 de janeiro de 2025.

